

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



denominação
Fazenda Três Barras

código
AVI – FO6 – DB

localização
A Fazenda Três Barras situa-se, aproximadamente, a 20 km do centro histórico da cidade de Duas Barras

município
Duas Barras

época de construção
meados de século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
lavoura / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



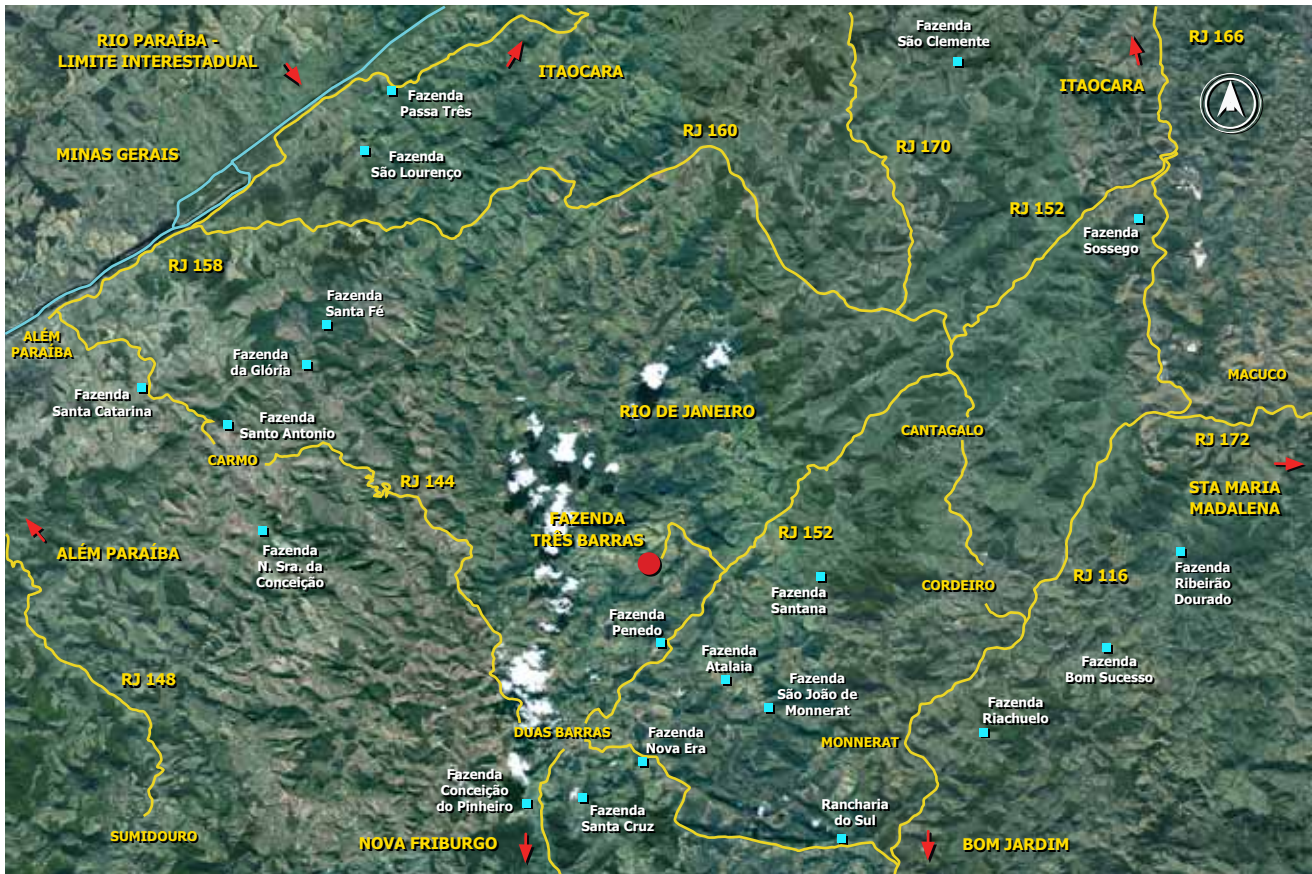
fonte: IBGE - Além Paraíba



Fazenda Três Barras, vista geral

coordenador / data **Francyla Bousquet – jul 2010**
equipe **Francyla Bousquet, Priscila Oliveira e Margareth Dias**
histórico **Francyla Bousquet**

revisão / data
Dina Lerner – nov 2010



situação



ambiência

Para chegar à Fazenda Três Barras – situada cerca de 20 km do centro histórico de Duas Barras –, percorre-se a RJ-152 sentido Cantagalo, até alcançar o trevo das Quatro Encruzilhadas. Ao longo do trajeto, aprecia-se uma linda paisagem, acompanhada em boa parte pelo Rio Negro, passando por algumas propriedades como a Fazenda Penedo, também inventariada por este projeto e distante 13 km do atual destino. A partir do trevo, dobra-se à esquerda, avistando-se outra antiga fazenda, já bastante reformada, a São Thomé, e o Haras Chibirirribinha. Segue-se adiante por mais 9,40 km, sempre em estrada de terra, cujo leito ora se alarga ora se estreita, chegando-se, então, à Fazenda Três Barras.

A primeira indicação que se tem da mesma é uma porteira, que fica no final de uma sequência de pinheiros que demarcam as terras da propriedade vizinha (f01). À direita dessa entrada, há uma estrada que segue diretamente para as instalações dos currais (f02) – no caminho, uma ponte de concreto faz a transposição do Córrego Três Barras (f03), que possui uma queda d’água (f04) e corta toda a área de pasto (f05 e f06).



01



02



03



04



05



06

Voltando à entrada principal da fazenda, outra pequena ponte atravessa um braço do Córrego Três Barras (f07) – ao final dessa estrutura tem início uma mureta de arrimo que se estende até a sede, apresentando alguns degraus em pedra que fazem a ligação entre ambos os níveis (f08).

Chega-se, então, ao núcleo edificado da fazenda (f09), onde estão situadas a sede e uma casa de apoio, cuja utilização não foi confirmada. Observando o conjunto arquitetônico de um ponto um pouco mais elevado e distante, percebe-se uma grande área frontal, onde se localizavam os terreiros de café (f10).

A casa de apoio é de fatura simples (f11), constituída por uma estrutura primária em baldrame de pedra de mão, já exibindo trechos de empenas com tijolos furados (f12), sinalizando modificações recentes. Todos os acessos são providos de pequenas escadas de pedra (f13), alocadas sobre platô onde está implantada a edificação (ver prancha 3/3).



07



08



09



10



11



12



13

Adentrando um pouco mais no interior da propriedade e transpondo as primeiras construções, avista-se, à esquerda, o antigo moinho (f14), já sem o revestimento que cobriria as alvenarias de tijolos maciços, apoiadas sobre embasamento de pedra aparelhada. A pequena edificação, com cobertura em duas águas de telhas capa e canal, possui por detrás uma espécie de chaminé em pedra (f15), para a qual não foi identificada função. Mais recuado está um tanque em pedra (f16), com sinais de controle por comporta (f17). É provável que a água canalizada para o engenho, em nível mais acima, pudesse ser conduzida até o moinho, passando por este tanque.

Continuando em direção ao fundo do terreno, já no sopé do morro está o engenho (f18) – ao lado da edificação original foi construída uma extensão anexa, onde estão posicionadas novas máquinas para aproveitamento da força da água que ali ainda jorra, proveniente de nascente no alto do morro (f19), sem, no entanto, movimentar a roda d'água.

Fechando o circuito, ao lado do engenho, observa-se uma grande ruína em pedra aparelhada (f20), da qual também não foi possível confirmar a destinação. Só lhe restou o perímetro, no qual existem duas aberturas, uma delas – a lateral – exibindo uma espécie de montante de marcação de entrada (f21). Em função do exposto, percebe-se que as edificações remanescentes se referem à parte da área ocupada originalmente pelo núcleo central da fazenda (f22). Nos trechos destinados aos grandes terreiros de café e edificações adjacentes, restaram visíveis apenas algumas ruínas, como o embasamento de pedra de uma construção, que se localizava ao lado da casa de apoio (f23).



14



15



16



17



18



19



20



21



22



23

Trataremos aqui das duas edificações remanescentes do conjunto original que são a casa-sede e o engenho. A primeira imagem que o visitante tem do belo casarão é sua fachada posterior (f24). A construção possui porão alto utilizável que ocupa apenas metade da área da planta do pavimento superior.

A cobertura desse volume é em quatro águas, sendo que, na fachada frontal, um alpendre protege a entrada principal, realizada através de pequena escada de lances opostos (f25). Nessa escada de degraus de pedra, há uma peça metálica fixada à esquerda (f26), destinada à limpeza das solas dos sapatos, para acesso ao seu interior.

As fachadas apresentam marcações horizontais que equilibram a altura das empenas, tornando seu aspecto mais delicado (ver f09). Após o embasamento, onde se verificam respiradouros, o pano seguinte é destinado às esquadrias, em guilhotinas de caixilharia de vidro, sucedidas por folhas duplas almofadadas de abrir. Os vãos das esquadrias são adornados por sobrevergas frisadas (f27) pintadas na cor branca. Arrematando a composição da fachada, seguem-se frisos e faixas, e uma cimalha proeminente de argamassa trabalhada, que recebe o beiral do telhado. Os cunhais acompanham essas partições, dando sequência e reproduzindo esses detalhes, acrescidos de ornatos em folhas de acanto e florões (f28). Ao centro da fachada principal, decorando a parte superior da entrada de acesso, há a data provável de sua construção – 1868 – inscrita numa cartela sobre um fundo azulado em meio a apliques decorativos (f29). A entrada principal, marcada pela presença do delicado alpendre, apesar de não mais possuir as telhas originais, é valorizada pela conservação dos seus lambrequins (f30).

O acesso ao porão dá-se pela fachada lateral direita (f31), através de uma pequena porta que leva ao seu interior (f32).



24



25



26



27



28



29



30



31



32

Os ambientes ali existentes atualmente estão sem utilização – uma sucessão de três grandes espaços, pintados na cor branca. O forro ali observado é em reguado com colocação tipo saia e camisa, exceto no espaço central, onde há um forro de madeira de fatura recente (f33). Logo em seguida, há uma escada de madeira desativada, que promovia a ligação entre os pavimentos (f34): seu término ocorria na menor circulação do pavimento superior (ver prancha 2/3). Nesse pavimento, as janelas e portas são do tipo enrelhadas (f35), distinguindo bem, externamente, o pavimento de serviço do pavimento nobre.

Já o pavimento nobre, além da entrada principal, também apresenta acesso de serviço, realizado igualmente pela fachada lateral direita, mas através do volume que foi acrescido ao original (f36): a partir da porta de entrada, há uma segunda porta entalada em forro de lambri (f37), que, na verdade, é a porta original de saída do casarão. Internamente, os ambientes ali encontrados são apenas uma sombra do esplendor que foram um dia no passado (f38): os grandes salões (f39) ainda conservam seus lustres antigos (f40) e decorações de teto (f41 e f42), com forros em saia e camisa emoldurados (f43).



33



34



35



36



37



38



39



40



41



42

Das pinturas observadas na foto antiga cedida pela família (ver f36), restam apenas, em alguns trechos de paredes, pequenas aberturas, que revelam a exuberância de cores e delicadeza de motivos que ornamentavam o interior dessa residência (f44 e f45).

As circulações internas (f46) apresentam portas de folhas duplas almofadadas, dotadas de bandeiras de vidro (f47) que trazem a luz que atravessa as janelas para o interior do casarão.

Retornando ao antigo engenho, este é uma construção simples, limitada por estruturas de pedra, entremeadas com uma cobertura de água única em telhas capa e canal (f48).



43



44



45



46



47



48

A água – que movimentava a grande roda metálica – é ainda captada através de uma tubulação (f49 e f50) abastecida por nascente, que é direcionada para tanques de pedra (f51), que, por sua vez, a faz seguir adiante numa tubulação que chega à base da roda (f52). Intrigou-nos a posição em que a água atinge a roda, pois, via de regra, ela deveria ser derramada na sua parte alta, liberando a energia potencial armazenada que é transformada em movimento. Este sistema é chamado de sobreaxial. Nossa pesquisa, então, nos levou ao tipo de abastecimento subaxial, que é quando a água passa por baixo do eixo da roda, a qual possui haletas que ficam em contato com a corredeira do rio ou do canal. As rodas subaxiais extraem principalmente a energia cinética, uma vez que aproveitam a velocidade da água. No entanto, a posição da abertura das haletas com relação ao sentido de movimentação da água nos indica que a atual posição de deságue é recente.

A roda d'água metálica se encontra, surpreendentemente, em bom estado de conservação – suas haletas (f53) e estruturas (f54) estão íntegras, prontas para serem utilizadas.

Quanto ao trecho correspondente à extensão do engenho, muito embora seja de construção mais recente, há indícios de utilização anterior, a julgar pelas características da calçada de pedra existente no local, com esperas para encaixe de algum tipo de peça (f55). Foram observadas, junto à área da roda, peças de moinho antigas estocadas (f56), além de pequenas rodas e polias que deveriam se prestar à movimentação do antigo maquinário.



49



50



51



52



53



54



55



56

Os principais agentes de degradação identificados na fazenda são a umidade e o ataque de cupins. A água ataca os revestimentos através de eflorescências (f57), e também forros internos (f58 e f59), indicando a necessidade de manutenção das coberturas. Os cupins, por sua vez, deixam suas marcas nos pisos (f60) e rastros de movimentação pelas partes altas das paredes (f61), alertando para a possibilidade de ofensiva junto às estruturas de telhado.

Ambas as patologias encontradas são as mais recorrentes em propriedades desse gênero, localizadas em sítios úmidos e quentes. Necessários se fazem, então, o cuidado e atenção redobradas, para agir ao menor dos indícios, facilitando assim a terapia e barateando seu custo.



57



58



59



60



61

FAZENDA TRÊS BARRAS



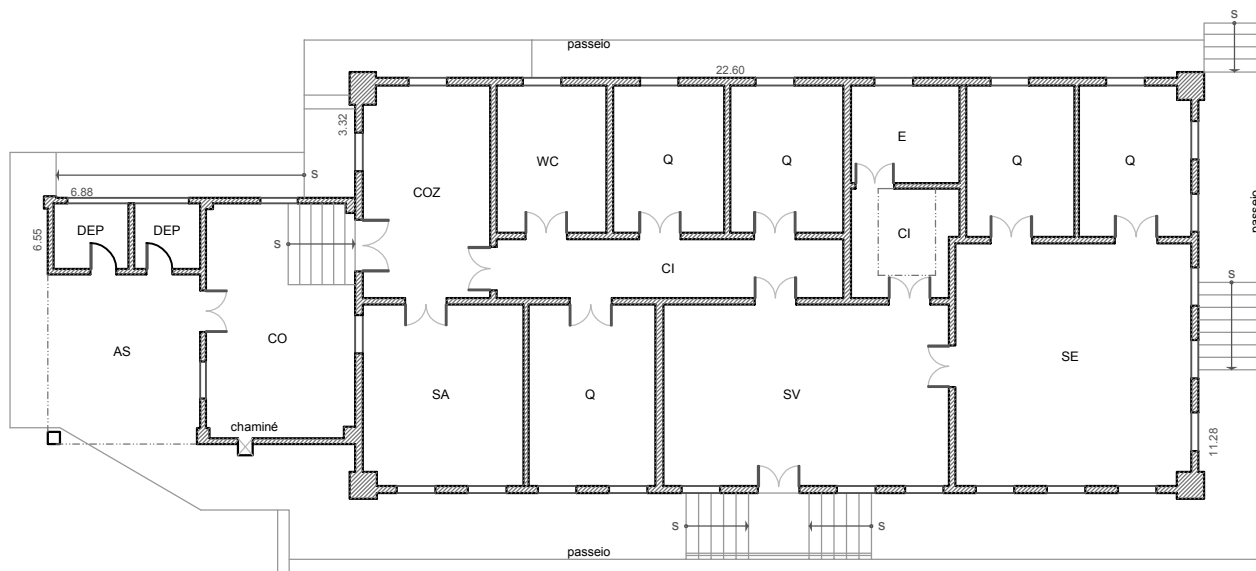
1 Implantação
escala: 1/2000



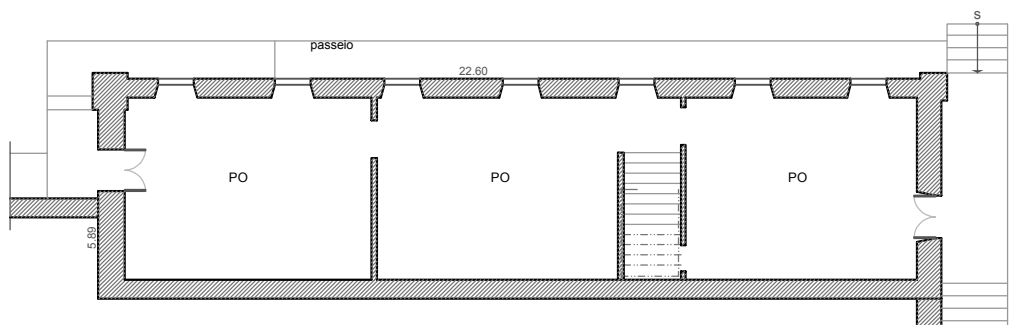
FAZENDA TRÊS BARRAS

Observações:

1. O acesso à escada para o porão ocorria na circulação próxima ao escritório (área tracejada), hoje vedada;
2. No porão, o ambiente à direita da escada já serviu como capela.



2 Planta Baixa da Sede - 1º Pavto.
escala: 1/200

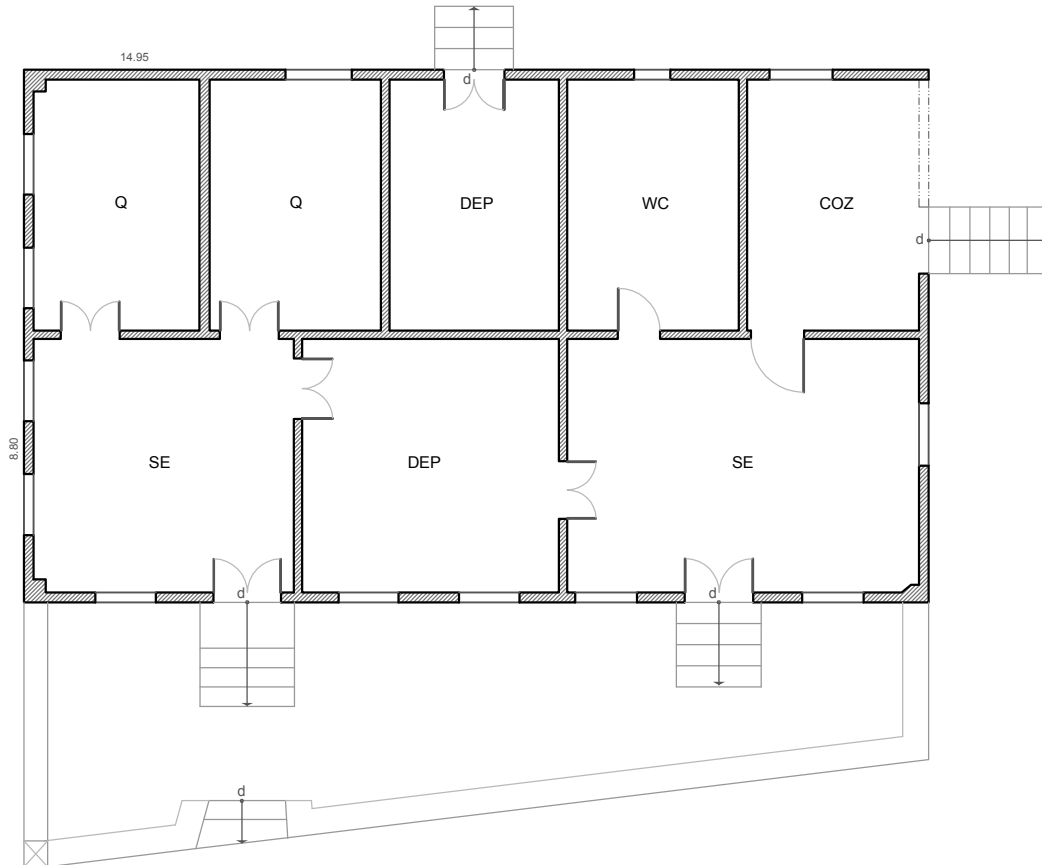


1 Planta Baixa da Sede - Porão
escala: 1/200



AS - área de serviço	CO - copa	DE - depósito	PO - porão	SA - sala de almoço	SV - sala de visitas	alvenaria existente
CI - circulação	COZ - cozinha	E - escritório	Q - quarto	SE - sala de estar	WC - banheiro	

FAZENDA TRÊS BARRAS



1 Planta Baixa da Casa de Apoio
escala: 1/125



CI - circulação SE - sala de estar Q - quarto
COZ - cozinha SB - sala de banho PAS - passarela

▨ alvenaria existente
▤ alvenaria demolida

Joseph Johann Constatin Lutterbach (f62), filho de imigrantes alemães, cuja profissão era alfaiate, fluente em alemão e francês, constituiu na Fazenda de Três Barras, em Duas Barras, o núcleo da família Lutterbach, que se fez numerosa, distribuindo-se pelos estados de Minas, Rio de Janeiro e Capital Federal.

Casado com Marie-Barbe Regine Monnerat, adquiriu uma sorte de terras da Fazenda Três Barras, em abril de 1833, quando ainda era morador de Nova Friburgo, de Geraldo Ferreira da Rocha e da sua mulher, Thereza Maria de Jesus. Posteriormente, em março de 1853, Joseph adquiriu a Fazenda da Serra, contígua a Três Barras, além de outra porção da sesmaria de Três Barras, em 1854, aumentando assim consideravelmente seu patrimônio fundiário.

Em 1921, a fazenda já pertencia ao cel. Eugenio Lutterbach, tempo em que a propriedade já era apontada como de grande importância no município, dispondo de energia elétrica, fatura de água, além de engenhos de café e cana. Produzia anualmente cerca de 13 mil arrobas de café e ocupava 156 alqueires, vinte dos quais eram ocupados por matas virgens e dez por pastos e capoeirão.

A estação de estrada de ferro mais próxima era a localizada em Cantagalo – para lá, como também para Carmo, Duas Barras e Monnerat, havia boas estradas de comunicação, o que, infelizmente, não mais se verifica atualmente.

